

Alvalade ou Catambor? Entre o pós-moderno e/ou pós-colonial.

Uma leitura da obra **Predadores**, de Pepetela

Maria Belém Ribeiro*

Resumo

Pepetela, através do seu romance **Predadores**, denuncia as causas da falência da ideologia que esteve na base das lutas de libertação. Actualmente, Angola continua a viver esse estigma, provocado por estes “predadores” que ambicionam o poder e controlam todas as esferas políticas, sociais e económicas. Através da personagem Vladimiro Caposso, Pepetela descreve uma Angola à deriva entre a pós-modernidade e a pós-colonialidade. Detentor de uma profunda consciência social, este escritor traça o caminho para a conquista de um lugar digno para a pátria angolana, mostrando que esse lugar só pode resultar da própria criação angolana.

Palavras-chave: Pós-colonial; Pós-moderno; Espaço; Humanismo.

Noite caluanda [16/04/03]

era uma noite tranquila na casa de um amigo [...a elis regina sabia semear amigos numa casa de campo; o adoniran foi lá enraizado].

o meu anfitrião já se luandizou em agradável demasia. disse uma frase torta quase comovida: “aqui em luanda o humanismo me descobriu, e eu vi ele”.

(...)

um dia a palavra equilíbrio devia estar apta a reinar.
(ONDJAKI, 2009)

Predadores vem pôr em causa a época pós-independência, revelando os fracassos que estiveram/estão na base da implementação das ideologias que precederam as lutas de libertação e que, ainda hoje, impedem Angola de ser “um País em África”. (PEPETELA, 2000, p. 296)

A época actual, marcada pelo advento das novas tecnologias e da comunicação global, também é dominada pela ambivalência e ansiedade que este mesmo

* Universidade do Minho.

progresso implica. Estes factores fazem com que se viva em constante questionamento do real. Rompendo com os princípios que nortearam a era moderna¹, o pós-modernismo associou-se à descrença provocada pelas crises económicas e sociais provenientes da Segunda Guerra Mundial, gerando um lugar de reflexão em relação aos universais até aí estabelecidos.

Todas as problematizações advindas dessas mudanças sociais, culturais e políticas vieram trazer à luz questões e suscitar novos campos de estudos, tais como os estudos culturais, feministas, os estudos da mulher, os estudos de género, estudos da ciência e a teoria pós-colonial. Apesar da descentralização do discurso imperial e do desmantelamento do binário centro/margem constituírem preocupações comuns entre os estudos pós-modernos e pós-coloniais, o pós-colonialismo² pressupõe um “construto” de identidade – silenciada no tempo do colono.

As obras pós-coloniais preocupam-se em (re)construir a nação; assiste-se à necessidade de criação de uma política de espaço que reflecta o salto qualitativo para a situação real experienciada; esta política de resistência e de afirmação da identidade nacional possibilita diferentes geografias de identificação e contra-geografias no sentido em que a literatura, muitas vezes, se antecipou à história.

As culturas, não sendo estáticas, sofrem influências, e o próprio acto de escrita é produto das “contaminações” culturais, inscrevendo-se como transnacional:

If there is a lesson in the broad shape of this circulation of cultures, it is surely that we are all already contaminated by each other, that there is no longer a fully autochthonous pure-African culture awaiting salvage by our artists (...). And there is a clear sense in some postcolonial writing that the postulation of a unitary Africa over against a monolithic West – the binarism of Self and Other – is the last of the shibboleths of the modernisers that we must learn to live without. (APPIAH, 2004, p. 124)

1 - Na “Era Pós-moderna” a realidade funde-se com a imagem, provocando uma barreira de indefinição entre o real e o imaginado, uma vez que o próprio real é também sujeito a construções imaginárias; a pós-modernidade questiona e rejeita os princípios que nortearam a era moderna: a procura da autoridade, a confiança total no progresso, na universalidade, na racionalização. Este período, marcado pela expansão industrial e pela sociedade de consumo, acreditava fervorosamente no poder da máquina e da ciência, procurando aliar o avanço científico e tecnológico a uma construção do mundo universal e racional.

2 - Conforme Gandhi: “Disagreements arising from usage and methodology are reflected in the semantic quibbling which haunts attempts to name postcolonial terminology. Whereas some critics invoke the hyphenated form ‘post-colonialism’ as a decisive temporal marker of the decolonising processes, others fiercely query the implied chronological separation between colonialism and its aftermath – on the grounds that the postcolonial condition is inaugurated with the onset rather than the end of colonial occupation. Accordingly, it is argued that the unbroken term postcolonialism is more sensitive to the long history of colonial consequences”. (GANDHI, 1998, p. 3)

Os escritores angolanos alicerçam a literatura nas vivências e no conhecimento do espaço. Esses modos de fazer literatura pretendem mostrar o que é nacional pelas interferências das línguas nacionais na língua “oficial”. Esses autores, já que escrevem na língua do “outro” – invasor, impositor – tem que “nacionalizar” a língua apropriando-se dela, tornando-a própria.

É nesse processo de reconstrução da identidade que Pepetela adota como missão questionar o lugar do seu país no Mundo e repensar a denominação de Terceiro Mundo³ que poderá representar uma forma de neocolonialismo:

the project of post-colonial writing to interrogate European discourses and discursive strategies from a privileged position within (and between) two worlds; to investigate the means by which Europe imposed and maintained its codes in the colonial domination of so much of the rest of the world. (TIFFIN, 2004, p. 95)

A ausência de distinções entre o Primeiro, o Segundo e o Terceiro mundos, uma das grandes aspirações dos escritores pós-coloniais, tem que garantir, no entanto, o respeito e a aceitação da diversidade cultural, para que não se assista a uma nova globalização imperialista.

A globalização surge como uma forma de compreender o mundo e a criação de uma consciência global. No entanto, essa nova perspectiva de homogeneização do mundo incorre no surgimento de uma certa tensão entre o local e o global⁴ e no aparecimento de novas formas de liderança sobre os países anteriormente colonizados. É importante reflectir sobre o controlo exercido nos países africanos através do Fundo Monetário Internacional – FMI – e dos financiamentos das grandes potências económicas mundiais, que estão na base dos neocolonialismos:

This is, of course, the moment to observe that the ‘liberation’ of new forces in the Third World is as ambiguous as this term frequently tend to be (...), to put it more sharply, it is the moment to recall the obvious, that decolonization historically went hand in hand with neocolonialism, and that the graceful, grudging, or violent end of an oldfashioned imperialism certainly meant the end of one kind of domination but evidently also the invention and construction of

3 - Sobre este assunto ArifDirlik afirmou que “Here the contrast between postcolonial and its predecessor term, Third World, may be revealing. The term Third World, postcolonial critics insist, was quite vague in encompassing within one uniform category vastly heterogeneous historical circumstances and in locking in fixed positions, structurally if not geographically, societies and populations that shifted with changing global relationships.” (DIRLIK, 2005, p. 561-588)

4 - Pal Ahluwalia propõe o termo “glocalização” para rectificar a implicação do termo globalização e a sua tensão com o local. (Cf. AHLUWALIA, 2001)

a new kind – symbolically, something like the replacement of the British Empire by the International Monetary Fund. (...); it is of course politically important to ‘contest’ the various forms of power and domination, but the latter cannot be understood unless their functional relationships to economic exploitation are articulated – that is, until the political is once again subsumed beneath the economic. (JAMESON, 1992, p. 130)

Pepetela, em **Predadores**, através de uma ironia profunda sobre a criação das personagens, tece também uma crítica ao controlo exercido nos países africanos pelo FMI: “escolher um terceiro americano (...), criar-lhe uma voz e um rosto, além de um passado, me parece ser demasiado dispendioso, contrário à conhecida teoria da economia literária, sobretudo neste século de ideologia dominada pelo Fundo Monetário Internacional.” (PEPETELA, 2005, p. 190-191)

Um dos desafios dos escritores angolanos é escrever a partir do Sul, pois se no período da colonização tinham que construir contra-discursos, actualmente têm que lutar contra as teorias imperialistas do Ocidente e seus neocolonialismos.

Predadores põe a nu os neocolonialismos que a globalização acabou por gerar, desde o predomínio do capitalismo⁵ sobre os direitos humanos (AHLUWALIA, 2001, p. 92-95) até os estereótipos “universais” decalcados das grandes potências económicas mundiais “que alguns pensam ser o único berço da civilização” (PEPETELA, 2005, p. 51). Vladimiro Caposso, símbolo dessa nova mentalidade, alimentava o sonho de possuir uma grande empresa e conseguiu a concretização desse sonho, a Caposso Trade Company – CTC. Essa personagem, com características pós-modernistas, erige uma réplica da Torre Eiffel no jardim: “Nacib entretanto, olhava para a enorme réplica da torre Eiffel em madeira que Caposso tinha mandado erigir no jardim da frente da moradia (...)” (PEPETELA, 2005, p. 202), representando “o máximo do novo-riquismo boçal”. (PEPETELA, 2005, p. 203)

A riqueza de Caposso iniciou-se com a corrupção política, desde a sua admissão a membro do Movimento Pela Libertação de Angola – MPLA – até a sua ascensão burguesa. Essa personagem simboliza uma classe social que vem ocupando África e que intenta contra a construção de países com culturas e políticas sólidas que propiciem o crescimento e a autonomia, tal como afirma Mia Couto: “a riqueza

5 - Na perspectiva económica marxista, Frederic Jameson refere que nos encontramos numa época de crise de representação, um capitalismo – tardio – crescentemente monolítico dominado por um número cada vez mais reduzido de empresas multinacionais e uma valorização, dentro do campo do saber, da utilidade e razões de mercado em detrimento da ética. Segundo esta óptica, a pós-modernidade é um período histórico, uma fase do capitalismo, inclusivamente um “modo de produção”. (JAMESON, 1992, p. 125-152)

dos nossos novos-ricos nasceu de um movimento contrário: do empobrecimento da cidade e da sociedade”. (COUTO, 2005, p. 24)

Caposso é a reencarnação do novo-rico descrito por Mia Couto possuindo “um carro de luxo” (COUTO, 2005, p. 23), “casas de luxo” (COUTO, 2005, p. 24), ao invés de criar “gado ou vegetais”, cria “amantes”. Os novos-ricos sonham “em ser americanos, sul-africanos”, no fundo “aspiram ser outros, distantes da sua origem, da sua condição” (COUTO, 2005, p. 24). Este imperialismo cultural (ASHCROFT, 2002, p. 209) que caracteriza a contemporaneidade arrasta o país para uma perda de referenciais próprios e é nesse sentido que a literatura pós-colonial revela a sua missão, que passa por desvendar os perigos dos neocolonialismos e da globalização, oferecendo aos países novas perspectivas para que os africanos se sintam responsáveis pelas identidades dos países a (re)construir, ajudando a traçar uma nova cartografia com uma bússola verdadeiramente adequada ao contexto histórico-espacial.

Bebiana, mulher de Caposso, representa o *modus operandi* da globalização passiva⁶, recusando as suas origens:

Era a mais recente moda internacional, a da globalização, e aquela mãe não escapava a nenhuma moda. Se aparecesse em três revistas para mulheres que a moda era falar sumério antigo, o verdadeiro idioma da globalização, ela, embora sem perceber bem o que era isso da globalização, lutaria para os filhos aprenderem a língua suméria, vá lá saber-se como. (...) mas nunca fez o mínimo esforço para bem falar o português (...) E tinha vergonha de ter aprendido sem querer algumas palavras de kimbundo, quando era criança e morava num quase-musseque. (PEPETELA, 2005, p. 138-139)

As novas explorações “entre irmãos” são também apontadas nesta obra, através da exploração sexual de adolescentes, representada na figura de Danúzia “uma jovem parente do Almerindo”, “uma coisa linda e com ares de assanhada. Carne fresca” (PEPETELA, 2005, p. 56). Caposso, com o intuito de “substituir” Maria Madalena, amante que assassinou devido à sua infidelidade, telefonou a Danúzia e levou-a a jantar no mesmo restaurante onde estavam diversas pessoas conhecidas do mundo da política, desde “o ministro das Pescas e o juiz Fermoizindo do Tribunal

6 - Ascroft faz referência à t-shirt estampada com signos como uma das formas de actuação passiva da globalização: “The T-shirt is a good example of the manner in which passive globalization operates. It is manifest in the wearing of second-hand clothes amongst the poorer sections of the population in both urban and rural locations. (...) This results from the brutality of structural adjustment programmes and liberalisation policies which have destroyed local industries: these industries are no longer able to compete on the global market, and their closure inevitably forces people to rely on second-hand goods.” (ASHCROFT, 2002, p. 129)

Supremo” até “uma mesa composta por responsáveis do MPLA e da UNITA, mais a própria intermediária do processo de paz, a representante do secretário-geral da ONU. Jantar diplomático, evidentemente” (PEPETELA, 2005, p. 60). Mais tarde, Caposso irá conhecer Teresa, uma jovem de “dezasseis anos de idade” que se prostituía na Ilha e que constituía “a sua última novidade.” (PEPETELA, 2005, p. 315).

Apesar de enriquecer à custa da exploração dos mais pobres, o problema de Caposso é que “havia tubarões mais gordos ou mais fortes” (PEPETELA, 2005, p. 363), Karim e Omar conseguiram ser donos de noventa por cento da CTC e apenas dez por cento ficaria para o angolano. Caposso conclui que “os estrangeiros sempre vieram para nos lixar, para lixar o negro. Sempre, sempre...”. (PEPETELA, 2005, p. 373).

Ao denunciar essa corrupção através de uma alegórica “cadeia alimentar”⁷, é precisamente este enfoque que Pepetela pretende dar de Angola aos angolanos – a era da corrupção que o país atravessa é fruto também da exploração interna, provando que “o colonialismo não morreu com as independências. Mudou de rumo e de executores. O actual colonialismo dispensa colonos e tornou-se indígena nos nossos territórios” (COUTO, 2005, p. 11). É necessário os angolanos darem esse salto qualitativo que reside na tomada de consciência dessa “atualização de convivências antigas entre a mão de dentro e a mão de fora.” (COUTO, 2005, p. 14).

Pepetela continua na sua obra a demonstrar preocupação pela nação angolana – enquanto projecto identitário de um povo – e a olhar o mundo e as suas relações intersistémicas com o cepticismo que a globalização implica. **Predadores** é uma obra de reflexão, reveladora das tensões entre a pós-modernidade e o pós-colonialismo que marcam o presente do mundo e, particularmente, de Angola. Vladimiro Caposso é o simulacro da sociedade emergente em Angola, de uma burguesia que se alimenta da “exploração entre irmãos” e que vê na corrupção um método para alcançar a riqueza. O protagonista da obra apresenta os sinais exteriores de riqueza apontados anteriormente: um automóvel da marca Volvo; contas bancárias em paraísos fiscais; uma empresa em ascensão – Caposso Trade Company – e uma propriedade, a fazenda Karan, situada na Huíla, que mantém o seu estatuto social. A maleabilidade política que caracterizou o período pós-independência – “Era a nova moda no país, os debates na rádio e na televisão.

7 - De salientar além dessas personagens, o Nunes, Cara de Rato, baptizado assim por Caposso por enriquecer à custa de ajudar “a transferir para o exterior, particularmente para umas certas ilhas onde reinava o absoluto sigilo bancário, grandes somas de dinheiro bom, quer dizer, dólares” (PEPETELA, 2005, p. 19), a troca de 20% em cada operação.

Tudo feliz com a liberdade de opinião de repente conquistada, muito disparate se dizia mas não importava, era a democracia.” – ajudou este homem a ascender na vida: “sabia em quem votar, tinham-no deixado ser rico” (PEPETELA, 2005, p. 26). A política estava a serviço do bem particular – “mas o dinheiro também aparecia facilmente, o governo era generoso, oferecia-o aos amigos, de um círculo muito restrito”. (PEPETELA, 2005, p. 25)

Na obra é feito o contraponto entre a família de Caposso e a de Nacib, rapazinho nascido no Catambor, apaixonado por Mireille – filha de Caposso –, por quem nutria um “triste e impossível amor” (PEPETELA, 2005, p. 34). O contraste entre a mansão de Caposso em Alvalade e a sua modesta casa no Catambor, a educação de Mireille na escola francesa e a de Nacib numa escola pública com poucos recursos evidenciam as desigualdades sociais emergentes da globalização, sugerindo uma adaptação de “A fronteira do asfalto” (VIEIRA, 1975-1985) dos tempos modernos. Ao impossibilitar este amor, o narrador denuncia as novas formas de racismo emergentes da globalização – agora não o tradicional branco/negro, mas entre iguais, transportado para a condição social – pobre/rico. No entanto, o desfecho não é inocente e Nacib termina por se formar em engenharia nos Estados Unidos e torna-se um jovem promissor com uma carreira em ascensão; Mireille sugere uma certa desilusão no desfecho deste ciclo vivencial:

E Mireille olhou mais uma vez a noite, lembrou Nacib, que não tinha a beleza perturbante de Karim mas também não era nada de desprezar. (...) Pobre Nacib, tão ingénuo e platónico! Quantos pontapés tinha de levar para abrir os olhos e ter força de enfrentar o mundo?

No que se enganava Mireille, pois Nacib estava preparado para enfrentar o mundo, só que de outra maneira. (PEPETELA, 2005, p. 377-378)

Assiste-se ao processo identitário da filha predilecta de Caposso ao longo da obra. Se no início “se interessava pelos negócios e o seu maior prazer era visitá-lo ao escritório e observar a maneira autoritária como comandava tudo e tratava as outras pessoas, fossem subordinados ou clientes” foi “de repente, em Paris” que “descobriu o lado belo de certas coisas” (PEPETELA, 2005, p. 200). Mireille descobriu a beleza da arte e interessou-se pelas suas origens: “Ela adorava contemplar aquelas peças e começou a coleccionar livros de arte, africana em particular, o que, como toda a gente sabe, são caríssimos e só existentes na Europa ou América”. (PEPETELA, 2005, p. 201)

Esta personagem, ao contrário de Caposso, que tem um percurso *en arrière*, vai

norteando os seus interesses, ainda que contra os inúmeros obstáculos colocados pelo seu pai, como que traçando um novo caminho para a sua terra: “Se ela dissesse estou grávida, o choque em Caposso seria certamente menor. O quê? Ela queria estudar essa merda de Arte, que só dá para as pessoas morrerem de fome, em vez de economia?” (PEPETELA, 2005, p. 215). Mireille, ao contrário do materialismo capossino, constrói um percurso cultural e foi neste ponto da situação que pai e filha descobriram ser antagônicos. (PEPETELA, 2005, p. 216)

Os outros filhos de Caposso, Djamila, Ivan e Yuri, também vão traçando as suas estórias de vida e mostrando uma evolução na construção das suas identidades. Ivan, tratado por Caposso como o *imbumbável*⁸, por este o considerar imprestável para qualquer tarefa, depois de ter cometido vários erros – como o atropelamento de Simão Kapiangala – quando assume a chefia da propriedade na Huila, revolta-se contra a injustiça e o pretensiosismo de Caposso, formulando com mais nitidez, um pensamento justo e responsável; já Djamila, se no início a sua apatia e timidez a conduziram a um certo obscurantismo na obra, forma-se em medicina e revela consciência social, contrapondo uma atitude altruísta ao síndrome capossino.

Num mundo prestes a afundar, Pepetela preocupa-se em sustentar uma plataforma de salvação, que neste caso, é sugerida pelas personagens mais íntegras e jovens. Através de personagens eleitas, Pepetela revela a sua crença, ainda que com mais cepticismo do que nas obras anteriores, nos ideais que norteiam a humanidade – Sebastião Lopes triunfa sobre Caposso na sua luta pela defesa dos trabalhadores, fazendo ver que a justiça compensou.

A estória de Kasseke vem também demonstrar os benefícios da interdependência global, pois este só se salva do problema que o atormenta desde a infância – a circuncisão –, quando, através da ajuda de Nacib, recorre à tecnologia e aos serviços de saúde americanos. Estes dois jovens salvam-se um ao outro, provando que o mundo “pós” é dominado pela “contaminação”, sendo este episódio vivido pelos jovens uma metáfora da esperança. Não será esta a mensagem que Pepetela deixa para o futuro de Angola? Através desta estória, assiste-se à criação de um lugar onde parecem estar semeadas as condições para a “palavra equilíbrio estar apta a reinar”. (ONDJAKI, 2009, p. 41)

Caposso é uma personagem calculista e move-se apenas pela satisfação de cumprir os seus interesses, mas também para ele parece estar o mundo concertado: quer na política, quer nos negócios, Caposso termina por perder as suas riquezas, ficando apenas com dez por cento da CTC, provando que o dinheiro proveniente da exploração irá continuar nas mãos dos predadores.

8 - Imbumbável: pessoa que se recusa terminantemente a trabalhar.

Há um equilíbrio social que se inscreve numa matriz profunda – através de personagens humildes e crentes nos seus ideais, Pepetela vai escrevendo Áfricas e mundos, pelos seus percursos vivenciais. Nacib, Sebastião Lopes e, de certa forma, Mireille são as personagens que se contrapõem a Vladimiro Caposso, Karim, Omar e todos os que gravitavam à volta do sistema político e que o transformaram numa rede de predadores. As figuras apontadas fazem parte daqueles que se “salvam” deste sistema social, cumprindo a sua missão de questionarem as suas origens, sem renunciar a elas, tendo em vista contribuírem para a conquista de liberdade e de justiça para o seu país.

Sebastião Lopes e Bernardino Chipengula defenderam as causas justas dos trabalhadores, conseguindo refazer a cerca e o corredor para o gado passar. É importante reflectir sobre Ivan – o filho marginalizado pelo pai – que se encarrega de tomar conta da fazenda e ele próprio entusiasma-se de tal forma com a causa popular que se envolve na construção do corredor de arame farpado: “O próprio Ivan, embriagado pelo entusiasmo dos seus assalariados, gritava que nem um desesperado incitando-os ao trabalho” (PEPETELA, 2005, p. 371), e o seu gesto de salvar Chipengula da vingança de Caposso e José Matias sugere a sua expiação do atropelamento de Simão Kapiangala, que resultou na sua morte. Ivan teve a percepção de que José Matias cumpria ordens de Caposso para preparar uma “emboscada ao activista” (PEPETELA, 2005, p. 371) e não o largou durante todo o evento realizado pela abertura da represa, livrando-o, assim, da morte.

Nacib, filho da terra, incorpora os desejos do narrador para o futuro de Angola – sem nunca renunciar as suas origens, Nacib parte para os Estados Unidos e quando regressa a Luanda em Outubro de 2003, tem uma “especialização aprimorada, um emprego assegurado e algum conhecimento do mundo de fora.” (PEPETELA, 2005, p. 193). Nacib é a figura do viajado que se orienta no mundo e extrai das interdependências culturais os melhores ensinamentos para construir o seu futuro – como filho da terra, Nga Celestina das Dores orgulha-se do seu percurso académico, mostrando o seu orgulho pelo filho que se transforma numa mais-valia para o seu país. Ao regressar, Nacib tem já um olhar crítico, porque fruto de outras vivências sociais e culturais, para analisar a “sua” terra:

Nacib, ao voltar à terra notou diferenças, nas coisas e nas pessoas, elas apareciam todos os dias. Não podia dizer se eram diferenças para melhor, mas parecia as pessoas estavam mais calmas, efeito da paz alcançada. (...) Quanto a ausências teria de se habituar (...)” (PEPETELA, 2005, p. 194)

Este rapaz nascido no Catambor é uma personagem consciente do seu processo identitário, revelando uma capacidade de absorção cultural e de partilha de conhecimentos. Nacib torna-se culturalmente nómada, mostrando que a identidade extravasa o sentimento de pertença a um grupo familiar ou étnico, caracterizando-se, antes, por ser um processo de aprendizagem e de tradução das diferenças.

Essas estórias de vivências das personagens permitem repensar a identidade do país e o escritor assume essa responsabilidade no sentido de ele próprio abrir espaços de reflexão e de questionamento da actualidade. No fundo, Pepetela lança um apelo aos angolanos para que renunciem a uma política de predadores e conquistem um lugar digno para a pátria angolana, sendo este o caminho possível para, “aqui em Luanda”, descobrir “o humanismo”.

Abstract

Pepetela denounces through his novel **Predadores** the causes of the ideological failure, which sustained the liberation wars. Nowadays, Angola still lives with this stigma, caused by these predators who have the ambition of power and who control all social, political and economical fields. Through the character Vladimiro Caposso, Pepetela describes Angola as a country lost between a post modern and post colonial society; owner of a deep social awareness, this writer takes the first steps to conquer a dignified place for his homeland Angola, showing that this space can only be achieved by its own Angolan creation.

Key words: Postcolonial, Postmodern; Space; Humanity.

Referências

AHLUWALIA, Pal. **Politics and post-colonial theory african inflections**. London: Routledge, 2001.

APPIAH, Kwame Anthony. The postcolonial and the postmodern. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFINS, Gareth; TIFFIN, Helen, (Ed.) **The post-colonial studies reader**. 7.ed. New York: Routledge, 2004.

ASHCROFT, Bill. **Post-colonial transformation**. 2.ed. London: Routledge, 2002.

COUTO, Mia. **Pensatempos: textos de opinião**. Lisboa: Caminho, 2005.

DIRLIK, Arif. The postcolonial aura: third world criticism. In: DESAI, Gaurav; NAIR, Suprya (Ed.) **Postcolonialisms**: an anthology of cultural theory and criticism. New Brunswick: Rutgers University Press, 2005.

GANDHI, Leela. **Postcolonial theory**: a critical introduction. New York: Columbia University Press, 1998.

JAMESON, Frederic. Periodising the sixties the ideologies of theory: essays 1971-86. In: JAMESON, Frederic. **Postmodernism a reader**. New York: Edward Arnold, 1992.

ONDJAKI. **Materiais para confecção de um espanador de tristezas**. Lisboa: Caminho, 2009.

PEPETELA. **A geração da utopia**. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

PEPETELA. **Predadores**. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

TIFFIN, Helen. Post-colonial literatures and counter-discourse. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFINS, Gareth; TIFFIN, Helen, (Ed.), **The post-colonial studies reader**. 7.ed. New York: Routledge, 2004.

VIEIRA, Luandino. A fronteira do asfalto. In: VIEIRA, Luandino. **A cidade e a infância**. 3. ed. Portugal: Edições 70, 1997.

WAUGH, Patricia; ARNOLD, Edward (Ed.). **Postmodernism**. A reader. New York: Edward Arnold, 1992.